

RESPOSTA A CATÁSTROFES: A PERCEPÇÃO DOS BOMBEIROS DE GOIÁS SOBRE A ATUAÇÃO NAS OPERAÇÕES

Bráulio Cançado Flores; Estela Najberg



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p688-736>

Artigo recebido em 27 de Novembro e publicado em 27 de Janeiro de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Aprimorando a discussão sobre segurança pública e direitos humanos, objetivou-se trazer luz sobre a humanidade de Goiás a respeito da resposta a catástrofes. Foram aplicados, em 2023, questionários a militares aleatoriamente sorteados do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás. Constatou-se que a maioria se sente preparada e conhecedora de protocolos de operações, mas, entre aqueles que já foram designados para missões como estas, quase 70% disseram que não foram chamados a contribuir com tais protocolos e mais de 90% sequer passaram por algum tipo de avaliação após a missão. Os dados mostraram que os bombeiros se percebem voltados ao cumprimento do dever, se preparando bem e empregando suas técnicas, mas que, em sua maioria, ainda não se percebem assistidos após as operações em catástrofes.

Palavras-chave: desastre; segurança pública; direitos humanos; bombeiros militares.

ABSTRACT



RESPOSTA A CATÁSTROFES: A PERCEPÇÃO DOS BOMBEIROS DE GOIÁS SOBRE A ATUAÇÃO NAS OPERAÇÕES

Flores, B.C; Najberg, E., 2026.

Enhancing the discussion on public safety and human rights, this study aimed to shed light on the humane approach to disaster response in Goiás. In 2023, questionnaires were administered to randomly selected members of the Goiás State Military Fire Department. The results showed that the majority felt prepared and knowledgeable about operational protocols, but among those who had already been assigned to such missions, almost 70% said they were not called upon to contribute to these protocols, and more than 90% did not even undergo any type of evaluation after the mission. The data showed that firefighters perceive themselves as committed to fulfilling their duty, preparing well and employing their techniques, but that, for the most part, they still do not feel supported after disaster operations.

Keywords: disaster; public safety; human rights; firefighters

Instituição afiliada – Universidade Federal de Goiás

Autor correspondente: *Bráulio Cançado Flores*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





1 INTRODUÇÃO

É possível perceber um crescente interesse da sociedade quanto à relação entre direitos humanos e segurança pública, assunto que ocupa cada vez mais espaço nos debates e discussões, noticiários, na cinematografia e também em discursos acadêmicos e políticos. Ainda que a temática seja recorrente na atualidade, é inegável que, majoritariamente, a população trata estas duas coisas como se figurassem em campos opostos, até conflitantes (Oliveira et al., 2018).

Só que, entre os alicerces dos sistemas democráticos, estão os direitos humanos. Ter o sujeito como detentor de direitos, garantias, respeito, atenção e cuidado traz, à sociedade, a admissão necessária de conceitos de universalidade, cidadania, urbanidade e igualdade. Por isso, se torna obrigatório, nos sistemas democráticos e em suas formações legais, o reconhecimento do valor da pessoa humana e de seu papel central nos Estados. Os direitos humanos e fundamentais são internacionalmente tidos como imprescindíveis nas relações entre países, governos e cidadãos (Rossi, 2019).

E há quem argumente que o formato militar, usado na segurança pública brasileira, prepara pessoas para a guerra, para o enfrentamento e a neutralização de inimigos, não para o trato com compatriotas que possuem direitos a serem observados, inclusive se estão em atividades, lugares ou realidades conflitantes com a lei. Frequentemente, militares são tratados como inimigos dos direitos humanos e sua farda como sendo incompatível com a segurança da comunidade (Miranda, 2014).

No entanto, a militarização, como formato ritualístico-administrativo de órgãos de segurança pública no Brasil, serve, prioritariamente, para garantir seu pleno e ininterrupto funcionamento, a pronta obediência de seus membros em situações de risco, além da disponibilidade permanente das instituições. A doutrina castrense tem que, entre outras funções, despertar sentimento de pertencimento à terra e à realidade na qual os militares estão inseridos. Existe intensa valorização de aspectos como o risco à vida, a sujeição a princípios rígidos de hierarquia e disciplina, o vigor físico e a convivência com restrições a direitos trabalhistas, como jornada de trabalho estabelecida ou mesmo a possibilidade de rejeitar tarefas com as quais o indivíduo discorde, tudo isso em nome da preservação da ordem pública e da governabilidade. Para além de servir ao público, os militares da segurança pública são doutrinados para se doarem à sociedade, com sacrifício



próprio em nome de um ideal de sustentação da pátria e da humanidade (Gama et al., 2019).

Os ideais que compõem a cultura laboral dos militares brasileiros estão amplamente difundidos nos Corpos de Bombeiros Militares (CBM). Os bombeiros compõem corporações militares e, por isso, recebem a formação castrense, além de estarem submetidos a suas regras e também a suas tradições. Independentemente de questões relacionadas a condições de trabalho, treinamento, contingente ou mesmo de remuneração, os bombeiros levam consigo a obrigação de corresponder ao ideal de herói em sacrifício pela sua sociedade (Monteiro et al., 2007).

A Política Nacional de Segurança Pública e Defesa Social (PNSPDS) e o Sistema Único de Segurança Pública (SUSP), instituídos pela Lei Federal nº 13.675/2018 trouxeram uma aproximação institucional entre direitos humanos e segurança pública, acrescentando nestes institutos um importante foco voltado para os profissionais de segurança pública do Brasil, como bombeiros militares, pessoal de criminalística, guardas municipais e portuários, agentes de trânsito e defesa civil, além de policiais militares, civis, federais, rodoviários federais e penais. Conforme evidenciaram Flores e Najberg (2021), esses profissionais precisam também ser enxergados como pessoas, para além dos resultados que produzem e das fardas que vestem.

Olhando, portanto, para estes profissionais, conforme afirmam Finta e Rác (2017), os bombeiros são os primeiros e os principais respondedores a desastres. Flores e Milazzo (2024) acrescentam que, observando as competências institucionais dos órgãos de segurança pública, os corpos de bombeiros militares são os mais propensos aos acionamentos para respostas a catástrofes. Já Baptista et al (2005) assinala a exigência de elevado grau de controle sobre as emoções dos agentes, dada a exposição agravada a estímulos estressantes, que, inclusive, os suscetibiliza a efeitos tardios dessa interação profissional com catástrofes.

Natividade (2009) cita que a renúncia pessoal é ainda mais exigida quando se trata de eventos catastróficos, onde a demanda social pelos seus serviços aumenta, concomitantemente aos riscos operativos, o que os torna não só essenciais, mas também protagonistas, em ocasiões onde grande parte dos envolvidos, trabalhadores, vítimas e afetados, carece de parâmetros mínimos de sobrevivência e discernimento, bem como de personagens capazes de indicarem caminhos a serem percorridos.



Aqueles desastres classificados como sendo de muito grande porte, caracterizados como catástrofes, por causa das perdas expressivas e dos danos de grande relevância, frequentemente exigem até mesmo apoio da comunidade internacional às populações atingidas, em razão de seus efeitos ultrapassarem a capacidade de resposta local, ainda que se abatam sobre comunidades que sejam organizadas, bem informadas, engajadas e capazes de rápida mobilização (Castro, 1998). E, quando se fala no atendimento a catástrofes, o principal referencial é a resposta ao desastre: elencados por Fontainha et al. (2015), os macroprocessos nessa fase têm início com a identificação do ocorrido e a análise do cenário, seguem para as ações de busca e salvamento, avançam para a recuperação provisória dos serviços e estruturas essenciais, abrangem a assistência à população afetada e se encerram com as atividades de desmobilização das equipes e recursos.

Voltando aos agentes, obviamente, todo ser humano deve ser enxergado segundo olhar de direitos humanos, mas, especificamente, falando dos profissionais de segurança pública, essas políticas devem levar em consideração o foco sobre esses nos seus momentos de trabalho, desde a rotina, em seus atendimentos diários, ordinários e nas condições consideradas como períodos de normalidade, até em acontecimentos agudos, intensos, quando estes operadores são chamados a deveres extraordinários, principalmente pelo fato de este chamamento poder envolver grande absorção de impactos emocionais, técnicos e até físicos (Mendes, 2019).

Importante lembrar da humanidade dos profissionais que são preparados e são empregados nas respostas a situações calamitosas, no entanto, é igualmente importante considerar que estes trabalhadores são devolvidos à sua rotina após confrontarem-se com os desafios de suas operações, e, dessa forma, as condições de retorno à sua “normalidade” profissional e pessoal também precisam de holofotes voltados a elas (Mendes, 2019).

Embora seja evidente que as comunidades afetadas precisem de assistência, é igualmente evidente a necessidade de voltar o olhar para os profissionais que atuam como respondedores a desastres, mesmo após retornarem à sua rotina social, familiar e de trabalho. Fenômenos aparentemente inexplicáveis, que podem ir de um período de forte introspecção até quadros de estresse pós-traumático, têm potencial para gerar impactos sociais significativos na vida daqueles que, em nome da sociedade que servem, se viram



expostos a situações extremas de pressão e sofrimento (Campos, 1999). Voltar os olhos para estes profissionais faz parte de reconhecer os direitos humanos daqueles incumbidos da proteção destes direitos, dos fundamentais e da promoção da cidadania (França e Duarte, 2017).

Segundo Matos (2020), mais uma vez, são os bombeiros os principais profissionais mobilizados na resposta emergencial a grandes desastres, enfrentando exposição contínua a riscos físicos, químicos, mecânicos e biológicos. Não por acaso, muitos dos bombeiros enviados a Brumadinho, em 2019, desenvolveram transtorno de estresse pós-traumático em decorrência das condições extremas às quais foram submetidos. Nesse sentido, afirma Baptista et al. (2005), é possível estabelecer relações entre profissões que lidam com o sofrimento humano e o esgotamento dos profissionais, com impacto sobre sua saúde mental.

Os bombeiros têm já sua formação se sustentando em pilares que misturam conhecimento e capacitação técnico-profissional com pressão psicológica e exposição a situações de estresse laboral. Supostamente, essa receita conjuga fatores que, ao longo do tempo, vêm sendo recebidos, inclusive pelos instruídos submetidos a eles, como úteis às tarefas às quais se propõem as corporações, conhecidas pelos cenários encontrados em seus serviços diários, inclusive em situações extraordinariamente severas (França e Gomes, 2015).

Em operações de alto risco, é fundamental que os agentes de segurança pública recebam, antes de serem enviados ao cenário, treinamentos adequados e compatíveis com o maior número possível de situações operacionais (Silva, 2000).

No entanto, no caso particular dos bombeiros, percebe-se que, além da preparação institucional e do reconhecimento dos pares, para ações que envolvam alto grau de resiliência e capacidade técnica, a confiança e o reconhecimento da população também compõem um complexo motivador e impulsionador de um trabalho incessante e abnegado (Breda e Moraes, 2020).

Desde antes de efetivamente serem confrontados com emergências reais, é perceptível que a responsabilidade de serem depositários de tamanha confiança e reconhecimento faça com que bombeiros, frequentemente, não desvinculem sequer



trabalho e vida pessoal, permitindo, por exemplo, que, além de técnicas e formação, seus fracassos e suas vitórias entrem em todas as áreas de suas vidas (Breda e Moraes, 2020).

Personificar modelos de heróis faz com que haja uma tendência à despersonalização do indivíduo e faz com que ele coloque o sentimento de dever acima, inclusive, de suas necessidades pessoais. Bombeiros, desde sua preparação até seu emprego, são bombardeados de estímulos que podem gerar neles essa percepção de que sua missão é mais importante do que ele mesmo, e que ele é capaz de muito mais do que outras pessoas para resolver situações de sinistros, incêndios, explosões, buscas, salvamentos e resgates, nas mais diversas condições, lugares, climas e horários (Cardoso, 2004).

Além disso, quando se trata dos cenários de operações aos quais os bombeiros são empregados, ordinária e extraordinariamente, o tipo de trabalho exercido impõe impacto na saúde (Amato, 2010). Conforme também descrito por Cremasco et al. (2008), o trabalho de segurança pública, ainda que dentro de padrões ditos ordinários, exerce efeitos consideráveis na vida e saúde dos profissionais, quer seja por fatores organizacionais, quer seja pela interface com o atendimento a emergências.

Acrescente-se aos fatores que já se dispõem na rotina diária, a fadiga emocional quando se emprega profissionais no atendimento a desastres. Em que pese o preparo prévio voltado à aplicação de técnicas em ambientes hostis e sob condições de estresse, a alta frequência e exposição a eventos traumáticos em série, imposta pelo atendimento a grandes catástrofes, tende a sobrecarregar os profissionais que ao incidente são expostos como principal linha de socorro e resolução de crises que, muitas vezes, embora agudas, podem perdurar por meses de atendimento (Almeida, 2012).

A atuação em desastres, sobretudo em suas fases agudas, é atribuição prioritária dos bombeiros, o que torna indispensável a existência de protocolos bem definidos (Aragão, 2019). Como essas situações envolvem intensa exposição a múltiplas fontes de estresse físico e psicológico, os profissionais submetidos a grandes ocorrências precisam de acompanhamento posterior, inclusive quanto à saúde mental. O sentimento de que não se pode cometer erros é um fator de sofrimento, especialmente quando o contexto exige a supressão de emoções como parte do dever (Monteiro et al., 2013).



Exames realizados nos respondedores que atuaram na resposta ao Furacão Katrina, em 2005, revelaram um aumento significativo de questões fisiológicas e psicológicas. Os registros apontam que os riscos já inerentes ao trabalho desses respondedores foram agravados pelas condições ambientais e por fatores de estresse pessoal. A atuação em atividades fora da rotina pode gerar vulnerabilidades, mesmo entre aqueles habituados a situações de alto risco. As diretrizes de segurança e saúde para equipes de emergência devem ser incorporadas aos planos de preparação para desastres, incluindo treinamento periódico que envolva, além de instruções para resposta às emergências, a educação a respeito de tarefas exclusivas para situações de desastre, como, por exemplo, conviver com grandes populações retiradas de seus lares (CDCP, 2006).

Desastres, enquanto eventos, evidenciam a importância de avaliar o profissional durante e após sua atuação, o que também reflete o reconhecimento de sua cidadania, tendo em vista que as experiências vividas no cotidiano de trabalho influenciam diretamente sua forma de se relacionar com a sociedade, tanto dentro quanto fora do uniforme (Afonso e Gomes, 2009). A falta de monitoramento, acolhimento ou supervisão corporativa é fator de risco para a apresentação de patologias nos profissionais (Tak et al., 2007).

Depois da resposta a um desastre, é essencial avaliar os bombeiros e possíveis lesões ou queixas decorrentes do trabalho realizado. Sintomas e diagnósticos, inclusive de ordem psiquiátrica, podem vir à tona, desde que haja abertura institucional para escutar esses profissionais (Tak et al., 2007).

Esse olhar permite identificar as implicações agravadas decorrentes do atendimento prolongado à ocorrência, impactos que se tornam ainda mais intensos para respondedores expostos a cenários de barbárie e que, muitas vezes no Brasil, se sentem física e psicologicamente abandonados (Soares et al., 2009). Após a exposição ao desastre, bem como em sua rotina de trabalho, é fundamental adotar estratégias que mensurem o nível de estresse e a percepção de qualidade de vida desses profissionais (Prado, 2011).

Perceber as pessoas por trás das fardas implica entender que, sobretudo em contextos de dor coletiva intensa, elas são reiteradamente levadas ao limite de suas capacidades físicas e emocionais. Estas situações, frequentemente, acabam por impor aos profissionais de segurança pública, além do esquecimento institucional, com a força



corporativa totalmente voltada para o atendimento às catástrofes, o esquecimento próprio, em nome do juramento que os profissionais fizeram e na busca dos resultados que são esperados deles no socorro à comunidade, quase que como fossem estes argumentos para apagarem suas próprias reações e o impacto delas em suas vidas (Stanley et al., 2016).

Finalmente, é preciso lembrar que, no Brasil, os corpos de bombeiros militares demonstram elevado grau de dedicação às suas atribuições, capacitando e mobilizando seus profissionais para o exercício das funções institucionais. Ainda assim, há margem para avanços no que se refere à valorização desses agentes como pessoas, inevitavelmente afetadas pela atuação contínua em ambientes marcados pela complexidade e pelos efeitos das grandes catástrofes (Flores e Najberg, 2025).

Neste cenário, objetivou-se com este estudo verificar as percepções individuais dos bombeiros de Goiás, compreendidos como sujeitos de direitos, no atendimento a catástrofes. Como objetivos específicos: avaliar se houve essa percepção acerca de um olhar institucional em sua preparação, durante as operações e após o término da emergência.

2 METODOLOGIA

Partindo de questões centradas nas experiências e entendimentos dos bombeiros goianos, foi possível verificar dados acerca de sua realidade laboral e de como estão postas suas condições de preparo e emprego, à luz de seu discernimento individual. Foram obtidas respostas referentes à percepção dos bombeiros sobre itens de seu perfil pessoal, de sua formação profissional, sua preparação para o atendimento a catástrofes e, por fim, sua experiência na resposta a estes eventos e no período que se sucedeu a essa resposta. A partir daí, foi possível identificar a existência de elementos predominantes.

Na medida em que as respostas foram obtidas, foi possível exibir a totalização dos resultados dos questionários que revelaram números que apresentavam cenários passíveis de interpretação à luz da teoria apresentada. As abordagens individuais evidenciaram resultados sob um panorama que ainda não havia sido discutido.

Valendo-se de consultoria com o Projeto de extensão Kappa, vinculado ao Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Goiás (IME/UFG), o estudo selecionou, inicialmente, 240 bombeiros de Goiás para serem entrevistados. A



eles, se juntaram mais 17, que voluntariamente fizeram a entrevista, para que fossem ouvidos sobre os assuntos, na medida em que souberam do estudo, o que não alterou a significância dos resultados, por elevarem a amostra para 257 indivíduos, ainda no mesmo erro de estimação de 0,06.

O número de efetivamente entrevistados se manteve próximo ao inicial, tendo em vista que, entre todo esse universo, 13 dos inicialmente selecionados se recusaram a participar do estudo, perfazendo um total de 244 bombeiros que, de fato, foram entrevistados, entre maio e julho de 2023. A recusa dos 13 se deu tão logo lhes foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, antes que se iniciasse a entrevista, assim como foi feito em todos os casos.

Em fevereiro de 2023, o Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás contava com 2.326 membros ativos, sendo 1.987 praças (elementos de execução) e 339 oficiais (elementos de comando), de forma que, no sorteio dos nomes daqueles que seriam ouvidos, levou-se em consideração tal proporção, perfazendo 85% de praças e 15% de oficiais, ou seja, trata-se de uma amostragem estratificada seguida de aleatória simples.

Por elaboração própria do Kappa, foram tomados todos os nomes dos bombeiros ativos e, dentre eles, sorteados aqueles que responderam aos questionários, utilizando o software STATA versão 13. A amostra adotou um nível de confiança de 95%.

Objetivando-se o máximo de isenção, nenhum membro da instituição desempenhou papel de entrevistador. A entrevista baseou suas perguntas e aprovação ética na pesquisa guarda-chuva denominada “Agentes de Segurança Pública como Sujeitos de Direitos”, do Núcleo de Direitos Humanos da UFG, de Silva et al. (2022). As questões aplicadas aos militares foram feitas por civis disponibilizados pela Fundação Dom Pedro II, de assistência aos bombeiros militares de Goiás. Tais questões trataram do perfil socioeconômico dos indivíduos, de aspectos do acompanhamento dos profissionais, suas percepções acerca do ambiente de trabalho, as condições sobre o atendimento a catástrofes e a perspectiva de quem já foi empregado neste tipo de resposta.

Os dados obtidos foram analisados e compilados em resultados exibidos e interpretados à luz da teoria anteriormente abordada, em blocos que tratam dos perfis socioeconômicos dos bombeiros, aspectos do acompanhamento dos profissionais, suas



percepções acerca do ambiente de trabalho, as condições sobre o atendimento a catástrofes e a perspectiva de quem já foi empregado neste tipo de resposta.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Na busca pelo entendimento de como os próprios bombeiros militares se percebem neste cenário, foi elaborado e aplicado um questionário a indivíduos previamente sorteados entre todos os membros ativos do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás (CBMGO).

Todos foram informados dos detalhes da pesquisa e foram entrevistados por civis, prestadoras de serviços na área de assistência social. Dos 257 bombeiros sorteados, 13 não concordaram em responder às perguntas e 244 responderam o questionário feito.

As questões e suas respostas foram divididas em blocos que retratam os perfis socioeconômicos dos bombeiros, aspectos do acompanhamento dos profissionais, suas percepções acerca do ambiente de trabalho, as condições sobre o atendimento a catástrofes e a perspectiva de quem já foi empregado neste tipo de resposta

Perfil dos Bombeiros

Inicialmente, os bombeiros foram perguntados sobre itens de seus perfis socioeconômicos. Quando perguntados sobre sua faixa etária, a maioria revelou ter entre 30 e 49 anos de idade, conforme Tabela 1. Numa corporação jovem, é possível que haja, portanto, a resposta física que se espera dos integrantes, conforme elencado por Gama et al. (2019), para a execução dos trabalhos rigorosos a que são expostos os bombeiros.



Tabela 1 - Faixa etária dos bombeiros que responderam a pesquisa.

Faixa de idade	Número de bombeiros	Percentual
18 a 29 anos	6	2,5%
30 a 49 anos	232	95,1%
50 a 69 anos	6	2,5%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Perguntados sobre sua escolaridade, mais da metade dos indivíduos respondeu possuir curso superior completo (Tabela 2), seguindo as tendências de aprimoramento intelectual preconizadas, também, pelo arcabouço legal do Susp, que trata da valorização do profissional como sendo um dos importantes pilares da segurança pública no Brasil. Sobre o estado civil, os 193 dentre os 244 respondentes disseram que são casados (Tabela 3), enquanto 40 responderam que são solteiros ou divorciados, e apenas um viúvo. Também foi verificado que 198 deles possuem filhos (Gráfico 1).

Tabela 2 - Escolaridade dos bombeiros que responderam a pesquisa.

Escolaridade	Número de bombeiros	Percentual
Médio completo	19	7,8%
Superior incompleto	3	1,2%
Superior completo	122	50%
Especialização	96	39,3%
Mestrado	4	1,6%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)



Tabela 3 - Estado civil dos bombeiros que responderam a pesquisa.

Estado Civil	Número de bombeiros	Percentual
Casado ou vivendo em união estável	193	79,1%
Solteiro	32	13,1%
Divorciado	18	7,4%
Viúvo	1	0,4%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

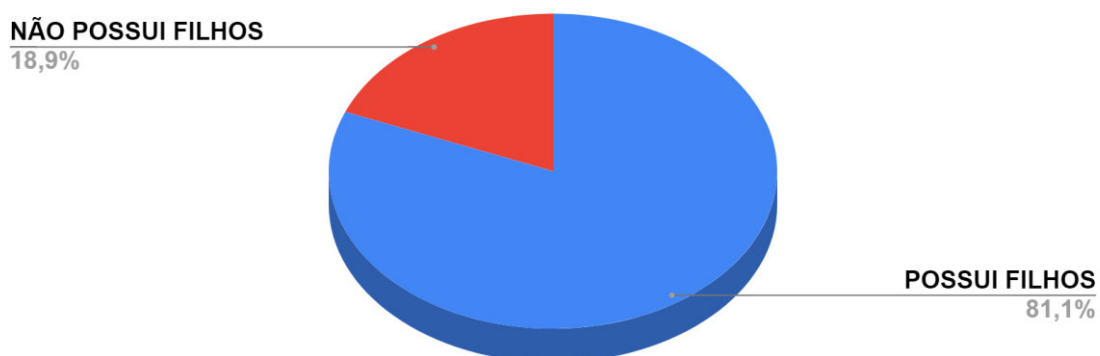
Fica claro, conforme observado por Campos (1999), que há importante presença das famílias nas vidas dos respondedores a desastres e que, dessa forma, é preciso que haja preocupação com seu retorno ao seio familiar, após a exposição a cenários e situações severamente extraordinários, dado que pode haver interferência de sua exposição em seu convívio íntimo.

As Tabelas 3 e 4, além do Gráfico 1, evidenciam que, para além de famílias, os militares possuem pessoas para os quais são arrimos financeiros, o que os coloca, seguramente, no papel de “chefe do lar”, agregando responsabilidades que não podem ser dissociadas do peso que se atribui ao cumprimento da missão que, além de um trabalho, é a fonte mantenedora da família.

E tratando dos dependentes, foi perguntado aos bombeiros quantas pessoas dependem de seus salários. Verificou-se que, para mais da metade deles, duas ou três pessoas dependem de seus vencimentos (Tabela 4).

Finalmente, falando do perfil dos bombeiros que responderam às questões, foi-lhes perguntado qual era seu grau hierárquico, ao que 38 responderam serem oficiais (coronéis, tenentes-coronéis, majores, capitães e tenentes) e os demais praças (Tabela 5).

Gráfico 1 - Bombeiros que possuem filhos, entre os entrevistados.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Tabela 4 - Quantas pessoas dependem dos salários dos bombeiros que responderam a pesquisa.

Dependentes	Número de bombeiros	Percentual
Mais de três	35	14,3%
Três	72	29,5%
Duas	73	29,9%
Uma	37	15,2%
Nenhuma	27	11,1%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Predominam, numericamente, as praças, que compõem a camada executora da corporação, fundada sobre fortes preceitos hierárquicos, conforme citado a respeito na Constituição do Estado de Goiás, que inaugura a descrição do CBM falando da hierarquia e da disciplina, como quem estabelece a linha de comando e o sustentáculo dessa linha.



Ou seja, numa corporação militar, há clara estrutura piramidal, comprovada pelos maiores números de praças do que de oficiais, além de rigorosa política disciplinar, conforme evidenciado pelas preocupações das legislações, inclusive federais, que organizam a instituição.

Perguntados sobre sua saúde física e sobre sua saúde mental, os militares responderam, em sua maioria, terem boas condições físicas e psicológicas, conforme demonstram os Gráficos 2 e 3.

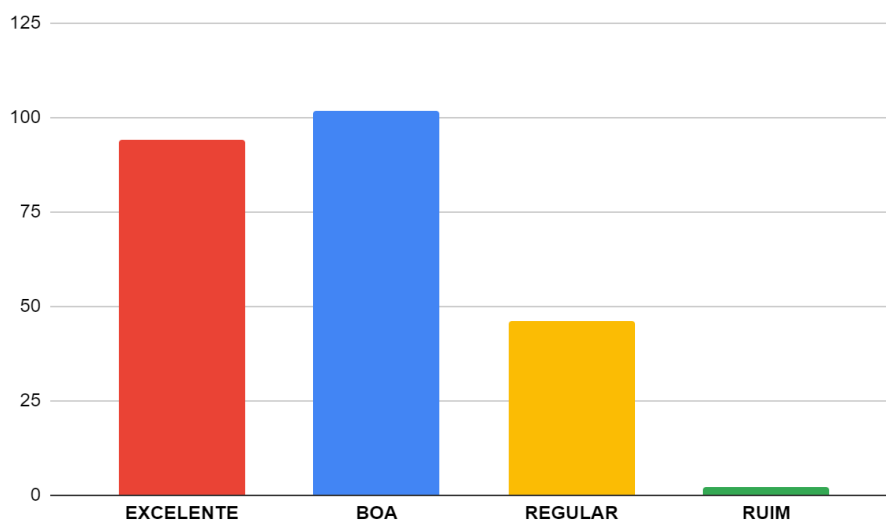
Tabela 5 - Grau hierárquico dos bombeiros que responderam à pesquisa.

Posto/Graduação	Número de CBMs	Percentual
Tenente-coronel	5	2%
Major	2	0,8%
Capitão	14	5,7%
1º Tenente	10	4,1%
2º Tenente	7	2,9%
Subtenente	20	8,2%
1º Sargento	20	8,2%
2º Sargento	29	11,9%
3º Sargento	75	30,7%
Cabo	38	15,6%
Soldado	24	9,8%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

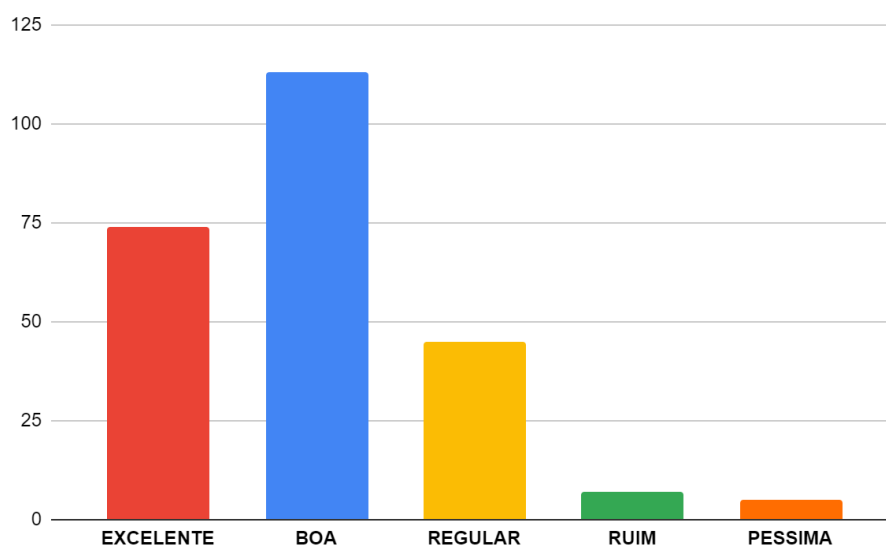


Gráfico 2 - Avaliação que os bombeiros fazem da sua própria saúde física.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Gráfico 3 - Avaliação que os bombeiros fazem da sua própria saúde psicológica.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)



Os percentuais daqueles que têm boa saúde são perceptivelmente maiores, tanto quando se fala em saúde física quanto quando se fala em saúde emocional, conforme Tabela 6.

Tabela 6 - Avaliação da própria saúde

Avaliação	Saúde física		Saúde emocional	
Excelente	94	38,5%	74	30,3%
Boa	102	41,8%	113	46,3%
Regular	46	18,9%	45	18,4%
Ruim	2	0,8%	7	2,9%
Péssima	0	0	5	2,0%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

A percepção que os militares guardam da própria saúde emocional é referendada pelo fato de que, perguntados se já fizeram algum tipo de tratamento ou acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, 61,5% dos entrevistados disseram jamais terem recorrido a algum tipo de terapia/aconselhamento.

Atendendo à preocupação descrita por Mendes (2019), é possível verificar, pelos Gráficos 2 e 3, e pelas Tabelas 6 e 7, que a tropa se conserva, em sua maioria, em boas condições físicas e mentais. Dessa forma, e em geral, o trabalho diário, reiteradamente descrito como extenuante, não aparenta gerar impactos perceptíveis e imediatos nos bombeiros.

De toda forma, não se pode ignorar a participação da preparação dos militares, conforme dita por Matos (2020), que pode influenciar até na auto-percepção de demandas, tendo em vista a doutrinação para o controle de emoções a que são submetidos os profissionais.



Também perguntados sobre o acesso a serviços de saúde, os militares responderam, em sua maioria, possuírem bom acesso aos serviços, conforme Tabela 7.

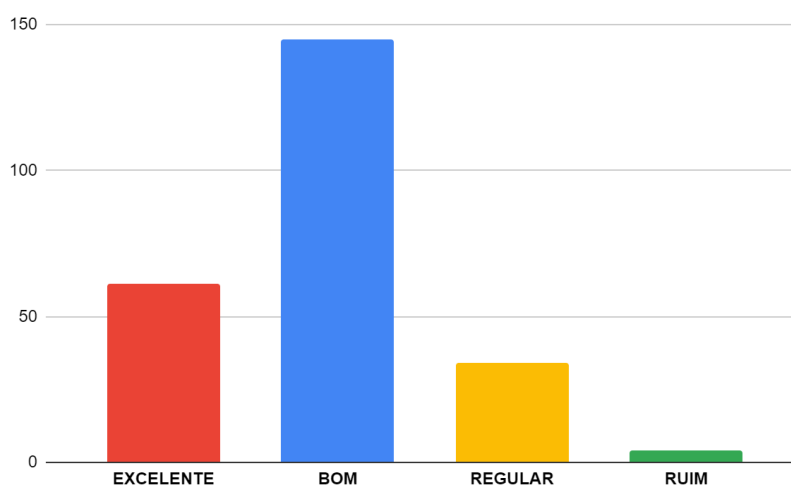
Tabela 7 - Avaliação do próprio acesso a serviços de saúde

Avaliação	Número de bombeiros	Percentual
Excelente	23	9,4%
Boa	126	51,6%
Regular	70	28,7%
Ruim	14	5,7%
Péssima	11	4,5%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Perguntados sobre seu padrão de vida, mais de três quartos dos bombeiros afirmam ter um padrão excelente ou bom (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Avaliação que os bombeiros fazem de seu padrão de vida.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)



A qualidade de vida dos profissionais está entre os itens elencados por Prado (2011) como sendo preponderante no entendimento acerca da complexidade do profissional enquanto ser humano, dado que a exposição dele a catástrofes pode, mesmo sem alterar aferições objetivas acerca de seu estado físico, influenciar na relação que ele tem com o mundo à sua volta.

Acompanhamento dos profissionais

Para que houvesse contextualização da realidade laboral destes militares, eles foram perguntados sobre acesso e sobre a existência de acompanhamentos corporativos voltados aos profissionais. Perguntados sobre terem feito, alguma vez na vida, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, 61,5% dos militares afirmaram nunca terem feito (Tabela 8).

Tabela 8 - Bombeiros que já recorreram a acompanhamento psicológico/psiquiátrico

Avaliação	Número	Percentual
Nunca	150	61,5%
Já, mesmo sem trabalhar em desastres	82	33,6%
Somente após ter trabalhado em desastres	6	2,5%
Somente antes de ter trabalhado em desastres	3	1,2%
Antes e depois de ter trabalhado em desastres	3	1,2%

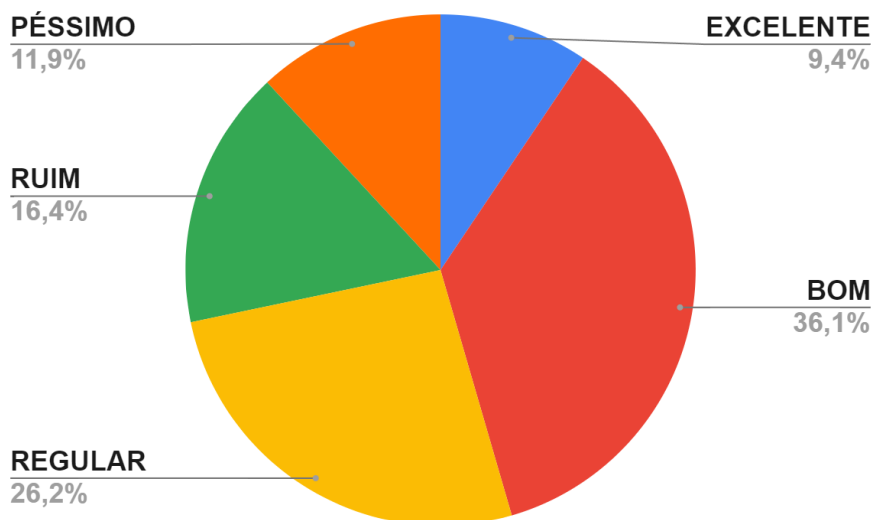
Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

É razoável lembrar que, conforme relataram França e Gomes (2015), já na sua entrada na carreira, os profissionais são recebidos com uma rigorosa formação, que também inclui alta pressão psicológica em razão do estresse laboral a que serão submetidos. Essa preparação psicológica, portanto, fora de cenários extraordinários, pode estar relacionada à baixa procura ou ao baixo encaminhamento dos profissionais para tratamentos psicológicos ou psiquiátricos.

Mesmo com a utilização por menos da metade dos bombeiros, é perceptível sua confiança nos serviços, uma vez que, quando perguntados sobre como avaliam o apoio emocional/psicológico oferecido pela instituição, menos de 30% dos bombeiros avaliaram como sendo ruim ou péssimo, conforme o Gráfico 5.

Nesta direção, avaliando a qualidade dos serviços de saúde a que têm acesso, apenas 38,9% dos militares os classificaram como regulares, ruins ou péssimos (Gráfico 6), tornando majoritária a impressão de que há serviços de saúde ofertados com a qualidade esperada por eles.

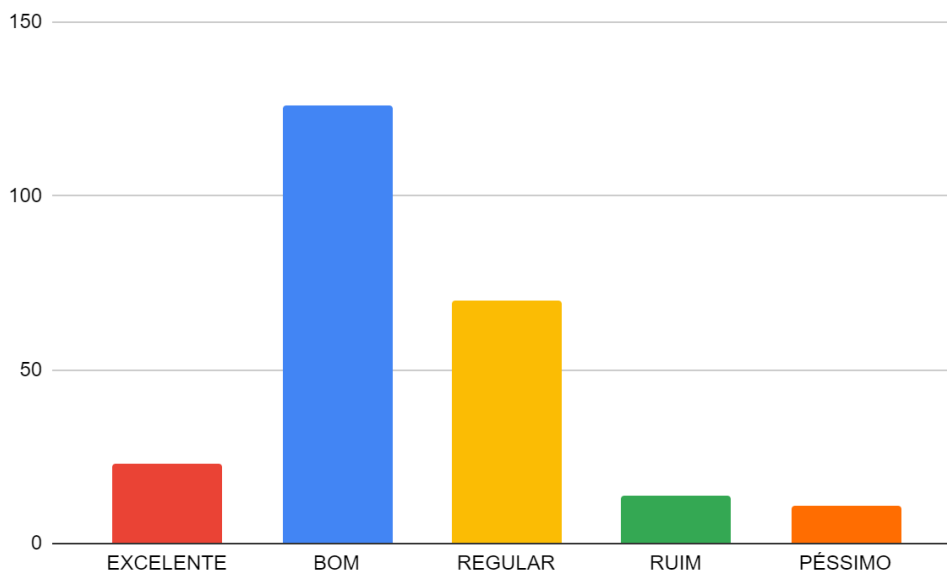
Gráfico 5 - Avaliação sobre o apoio emocional/psicológico oferecido pela instituição.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Dessa forma, e trazendo à baila o relato feito por Amato (2010), de que os serviços de bombeiros impõem impactos à saúde dos militares, é possível considerar que há respaldo institucional percebido pela tropa, na disponibilização de profissionais e estruturas para o cuidado com a saúde do efetivo.

Gráfico 6 - Qualidade dos serviços de saúde aos quais os bombeiros têm acesso.



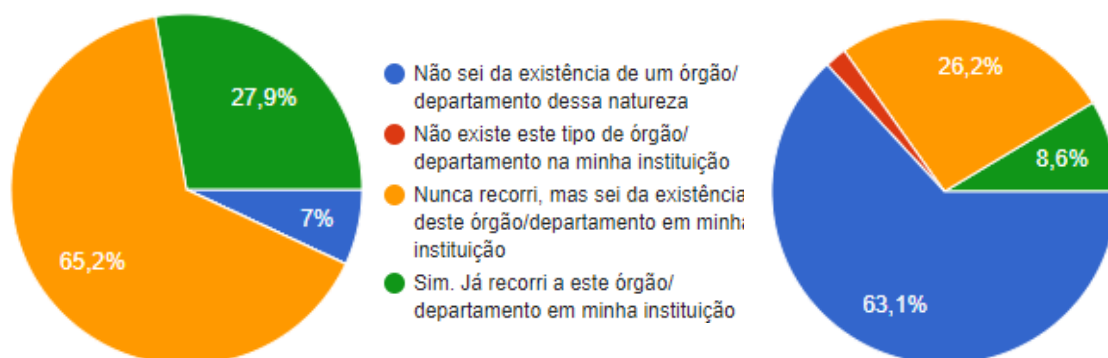
Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Na contramão da percepção dos serviços de saúde regulares, e em se tratando de órgãos internos especificamente voltados para o trabalhador, ou seja, da relação em que a saúde do militar tem com o trabalho que ele exerce, a maioria dos entrevistados afirmou que, embora saiba da existência, nunca recorreu ao órgão de saúde do trabalhador e, por outro lado, a maioria também disse não saber da existência de um órgão ou departamento responsável pela qualidade de vida do trabalhador (Gráfico 7). Especificamente sobre o órgão interno que cuida da qualidade de vida do trabalhador, 2% dos entrevistados chegaram a afirmar que ele não existe na instituição.

Gráfico 7 - Acerca de órgãos internos voltados especificamente para o trabalhador

Saúde do trabalhador

Qualidade de vida



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Neste caso, é contrastante a percepção dos bombeiros. Em que pese, terem demonstrado majoritariamente que a instituição lhes oferece atendimento de saúde satisfatório, não se reconhecem familiarizados com o serviço de atenção à saúde do trabalhador, ainda que, como descrito por Cremasco et al. (2008), já seja consolidado o fato de que, mesmo na rotina ordinária, o trabalho exercido pelos militares exerce impactos consideráveis na vida e na saúde dos profissionais.

Há uma clara percepção, na tropa, de que não há interface perene entre sua condição de saúde e sua relação com o trabalho, especialmente quando se sabe da existência de um órgão interno para tratar de saúde do trabalhador, mas jamais se tenha recorrido a ele.

Lembrando que, de todos os militares, pouco mais de 10% disseram ter um acesso ruim ou péssimo a serviços de saúde (Tabela 7), pode-se perceber que plena maioria dos bombeiros entendem que é satisfatório seu acesso ao serviço institucional de saúde, mas é minoritário o grupo que recorre aos órgãos específicos de saúde e qualidade de vida voltados a eles, enquanto trabalhadores.

Percepções acerca do ambiente de trabalho

Perguntados sobre como se sentem em relação a autonomia que possuem no trabalho, nível de participação nas decisões, quantidade de informações que recebem para desempenhar suas funções, qualidade das informações para o desempenho do trabalho e



feedback que recebem sobre o próprio trabalho, a maior parte dos bombeiros se revelou satisfeito, conforme Tabela 9.

Tabela 9 - Como os bombeiros se sentem em relação a itens do trabalho

	Muito Satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Insatisfeito	Muito Insatisfeito
Autonomia	7,8%	55,3%	19,7%	16%	1,2%
Nível de participação nas decisões	4,1%	51,2%	19,3%	22,5%	2,9%
Quantidade de informações recebidas	6,1%	58,6%	17,2%	18%	0%
Qualidade das informações recebidas	4,9%	53,7%	22,5%	17,2%	1,6%
Feedback	8,6%	45,1%	17,6%	25,8%	2,9%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Assim como evidenciado por Breda e Moraes (2020), o sentimento de participação e o reconhecimento dos pares compõem um dos pilares motivadores de profissionais que lidam com atividades que exijam alto grau de resiliência e capacidade técnica.

A predominância, portanto, de bombeiros que se sintam inseridos no processo de participação e difusão das informações colabora, não só na prestação de um serviço de melhor qualidade, mas também na capacidade individual dos militares em resistir às adversidades que se imporão ao longo dos atendimentos ou da carreira.

Em relação à frequência de treinamentos ofertados, respeito de direitos próprios e autorrealização no trabalho, a maioria dos militares se coloca igualmente como satisfeito (Tabela 10).

Tabela 10 - Como os bombeiros se sentem em relação a itens do trabalho

	Muito	Satisfeito	Nem satisfeito	Insatisfeito	Muito
--	-------	------------	----------------	--------------	-------



RESPOSTA A CATÁSTROFES: A PERCEPÇÃO DOS BOMBEIROS DE GOIÁS SOBRE A ATUAÇÃO NAS OPERAÇÕES

Flores, B.C; Najberg, E., 2026.

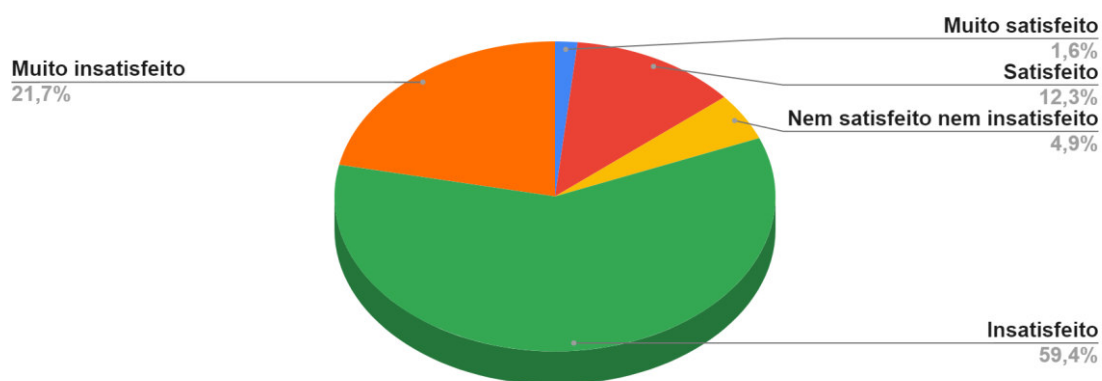
	Satisfeito		nem insatisfeito		Insatisfeito
Frequência de treinamentos ofertados	3,7%	41%	20,5%	32,8%	2%
Respeito a direitos do trabalhador	4,9%	50,8%	18,4%	18,9%	7%
Autorrealização no trabalho	14,3%	59,8%	9%	14,8%	2%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Reconhecendo-se trabalhadores assistidos e bem treinados, os bombeiros, portanto terão cumprido regras importantes para sua profissão de alto risco, conforme evidenciou Silva (2000), quando enumerou estes itens como sendo alguns entre aqueles que sustentam o emprego dos profissionais que atuam em respostas arriscadas.

Entretanto, há um sentimento de clara insatisfação quando o assunto é a quantidade de militares e servidores para o desempenho das atividades, conforme demonstra o Gráfico 8.

Gráfico 8 - Sentimento dos bombeiros em relação à quantidade de militares e servidores para o desempenho das atividades.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Lembrando que, conforme evidenciado por Monteiro et al. (2007), embora o efetivo numérico da tropa seja algo preponderante para a resposta às diversas frentes de trabalho que uma corporação exige, o contingente não é necessariamente algo que



imobilize os bombeiros individualmente, dado que, ao longo de suas formações e carreiras, neles é incutido um sentimento de dever que levam consigo ao longo de operações e ocorrências, de tal sorte que as missões que lhes são atribuídas receberão o máximo de suas dedicações.

Ademais, em que pese insatisfeitos em relação ao efetivo, quando perguntados sobre como avaliam os equipamentos de trabalho, tecnológicos e de segurança oferecidos, a maior parte dos bombeiros afirma que são bons (Tabela 11)

Tabela 11 - Avaliação dos equipamentos

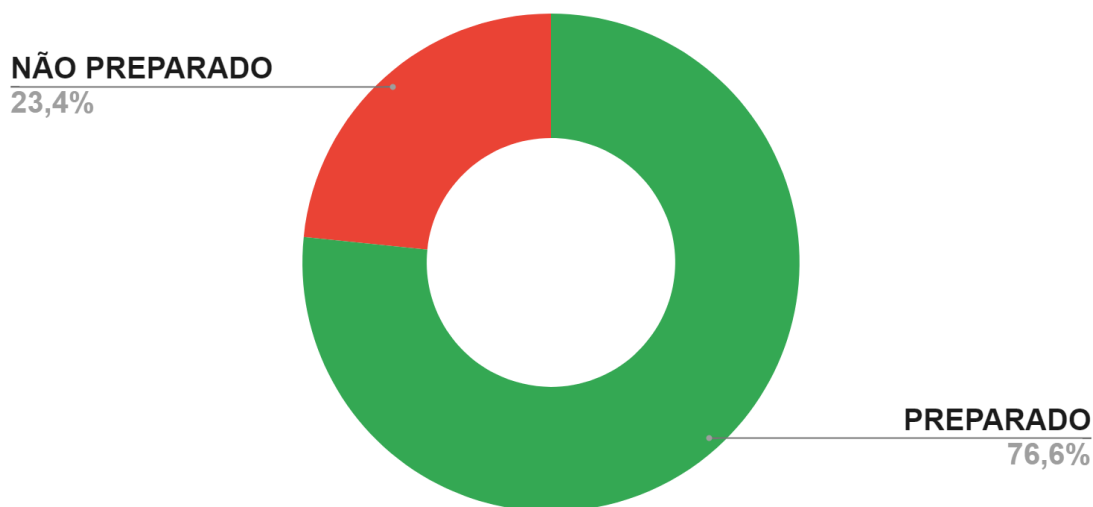
	Excelente	Bom	Mais ou menos	Ruim	Péssimo
Equipamentos de trabalho	18,9%	50,8%	23,4%	5,7%	1,2%
Equipamentos tecnológicos	11,9%	47,5%	29,5%	7,4%	3,7%
Equipamentos de segurança	20,1%	56,1%	17,6%	5,3%	0,8%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Condições profissionais, no atendimento a catástrofes

Durante a pesquisa, os bombeiros foram perguntados se eles se consideram preparados para o atendimento a catástrofes. Conforme se pode ver no Gráfico 9, três quartos do efetivo se consideram preparados para este atendimento.

Gráfico 9 - Bombeiros que se julgam preparados para o atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Quando se declaram preparados para a atuação em catástrofes, notadamente se leva em consideração a alta frequência e exposição a eventos traumáticos relatada por Almeida (2012), ou seja, o preparo para o atendimento em resposta a desastres de muito grande porte requer dos bombeiros valências que vão além do trabalho diário de sua profissão, justamente pela natureza aguda e exacerbada de exposição a cenários adversos.

Seguindo este raciocínio, também é majoritária a proporção daqueles que relatam terem recebido instrução para atendimento de catástrofes em suas formações (Tabela 12)

Tabela 12 - Bombeiros que tiveram preparo para o atendimento a catástrofes em suas formações.

Recebeu preparo na formação	Número de bombeiros	Percentual
Sim	165	67,6%
Não	79	32,4%

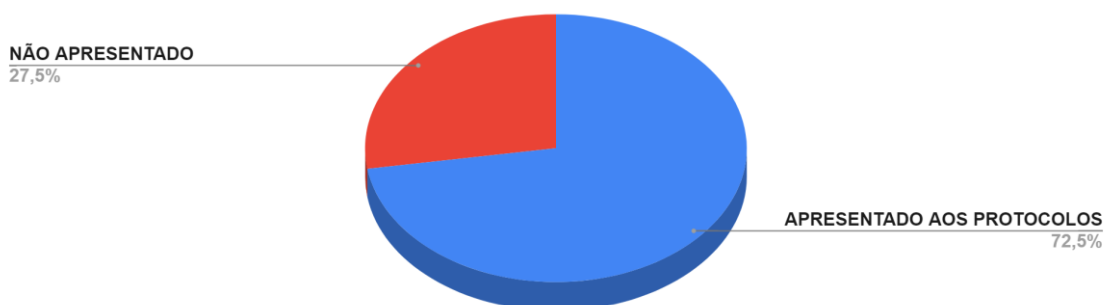
Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Isso referenda que suas opiniões são revestidas de conhecimento técnico a respeito dos cenários que podem ser enfrentados na resposta a catástrofes, ainda mais porque compõem uma categoria profissional das mais demandadas a dar esta resposta, conforme assinalou Matos (2020), quando afirma que são os bombeiros os principais profissionais demandados a responder a grandes desastres.

Acrescente-se aos altos índices de preparo na formação o fato de, 157 bombeiros, 64,3% dos entrevistados, afirmarem terem, após suas formações, se especializado em atividades que julgam contribuir no atendimento a catástrofes, tornando-os ainda mais familiarizados com realidades que podem ser enfrentadas nestes eventos.

É também clara (Gráfico 10), a maioria que declara ter sido previamente apresentada aos protocolos de atendimento a catástrofes da corporação. Entre os bombeiros que responderam à pesquisa, 72,5%, 177 bombeiros, se disseram cientificados destes protocolos.

Gráfico 10 - Bombeiros apresentados aos protocolos de atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Ainda assim, 97,1% dos entrevistados afirmam entender que a corporação pode melhorar o preparo dos membros para o atendimento a catástrofes, avaliação que se fundamenta, portanto, em um já exposto preparo e aperfeiçoamento técnicos, que se encaixam na preocupação expressada por Aragão (2019), quando enaltece a importância de protocolos para a atuação na resposta a desastres.

Tendo sido a tropa formada para atuar nestas situações e amplamente aperfeiçoada para elas, seu julgamento a respeito da necessidade de melhorias pode indicar tanto uma preocupação com a atualização dos conteúdos quanto com itens de sua oferta e implementação, uma vez que os conteúdos são julgados adequados.

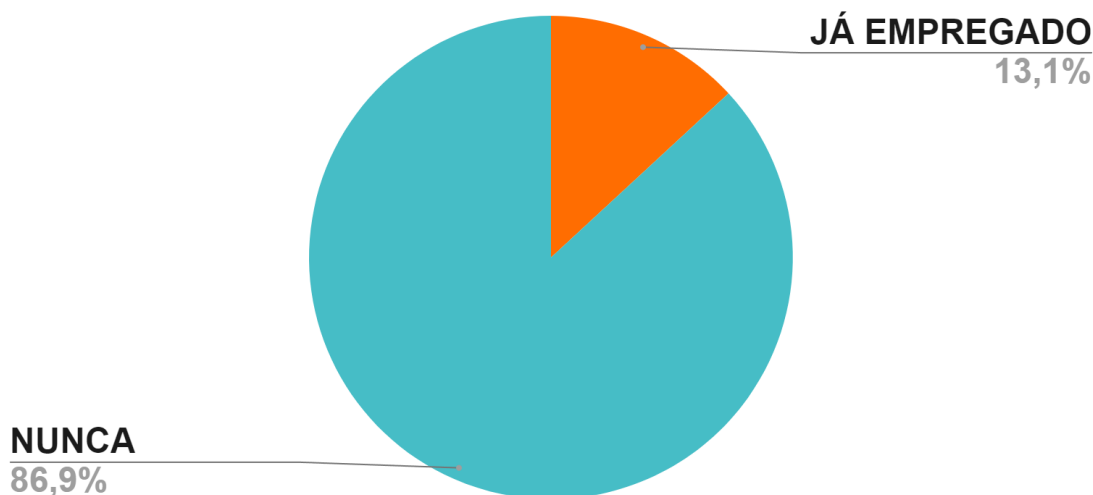
Perguntados se já foram empregados no atendimento a catástrofes, 32 entrevistados declararam terem tido essa experiência (Tabela 13). Conforme demonstra o Gráfico 11, é quase sete vezes menor, entre os entrevistados, o número de bombeiros que tenham sido empregados no atendimento a catástrofes.

Tabela 13 - Bombeiros que já foram empregados no atendimento a catástrofes

Emprego em catástrofes	Número de bombeiros	Percentual
Sim	32	13,1%
Não	212	86,9%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Gráfico 11 - Bombeiros já empregados no atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)



O número menor de militares que já foram empregados nestas respostas é compreendido quando submetido ao afirmado por Castro (1998), que elucida que catástrofes são desastres de muito grande porte e que, além destes, há desastres classificados como pequeno, médio e grande porte.

Os desastres de muito grande porte são numericamente menores, embora, conforme assinalado, apresentam prejuízos vultosos e danos muito importantes, ensejando declarações de Estado de Calamidade Pública, tendo em vista que mesmo com comunidades bem preparadas, os impactos não são suportáveis e/ou superáveis sem ajuda externa.

Entre aqueles bombeiros que foram empregados no atendimento a catástrofes, a ampla maioria entende que, nos episódios de que participaram, havia claras linhas de comando e coordenação das atividades (Tabela 14).

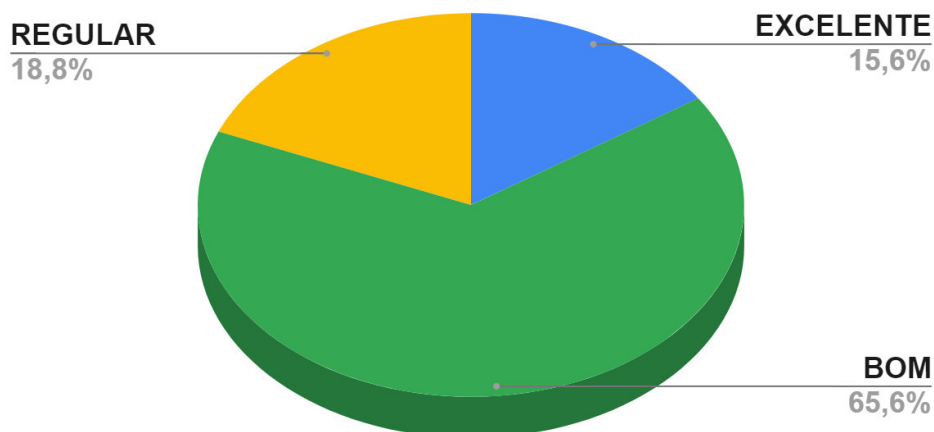
Tabela 14 - Bombeiros que entendem terem sido claras as linhas de comando e coordenação das tarefas durante o atendimento a catástrofes.

Linhas claras de comando	Número de bombeiros	Percentual
Sim	27	84,4%
Não	5	15,6%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

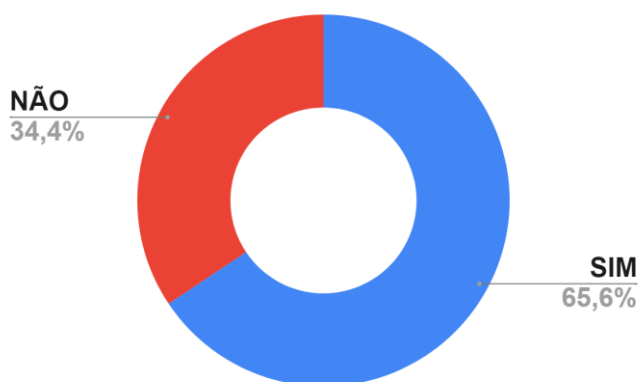
Acrescenta-se a boa percepção dos bombeiros, quando avaliam essas linhas de comando, conforme se pode ver no Gráfico 12. Uma vez empregados no atendimento a catástrofes, pouco mais de um terço dos militares informou não conhecer os protocolos de operação e da linha de comando conforme mostra o Gráfico 13.

Gráfico 12 - Como bombeiros avaliam as linhas de comando durante o atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Gráfico 13 - Bombeiros que foram informados dos protocolos de operação durante o atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Da mesma forma que, em suas formações e aperfeiçoamentos, os militares são apresentados a tais protocolos, inclusive com capacidade demonstrada para avaliar e requerer melhorias, também no atendimento efetivo a catástrofes, pelos episódios que



vivenciaram, há ampla familiarização com aquilo que está prescrito para ser empregado em campo.

Esse conhecimento de protocolos previne, inclusive, situações que vulnerabilizam ainda mais o indivíduo, conforme o descrito pelo Centro de Prevenção e Controle de Doenças dos Estados Unidos - CDCP (2006), quando afirma que os perigos habituais da profissão podem ser agravados por cenários de desastres e que, portanto, há que se estabelecer e difundir efetivos planos de preparação e resposta para estes cenários.

Voltando às experiências, os militares, uma vez perguntados sobre quais atividades desempenharam durante seu emprego em catástrofes, responderam de forma que fica clara a predominância do empenho de bombeiros militares nas atividades de buscas, salvamentos, resgates e ações humanitárias (retirada de pessoas e animais dos locais de catástrofes), conforme Tabela 15.

Tabela 15 - Quais atividades bombeiros desempenharam em catástrofes

Atividade desempenhada	Número de bombeiros	Percentual
Ações Humanitárias	26	81,3%
Salvamento	24	75,0%
Buscas	21	62,6%
Resgate e atendimento pré-hospitalar	18	26,3%
Entrega de donativos	16	50,0%
Segurança dos locais	11	34,4%
Staff de comando	8	25%
Reconstrução de cenários	5	15,6%
Combate a incêndios	1	3,1%
Localização de vítimas	1	3,1%
Salvamento com cães	1	3,1%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)



Tais respostas referendam o fluxograma de macroprocessos proposto por Fontainha et al. (2015), quando evidenciam a presença de ações de busca e salvamento no emprego de bombeiros que, claramente, atuam, também nas ações humanitárias, na resposta a catástrofes.

Em se tratando de assistência recebida por eles, os bombeiros disseram que, durante sua atuação no atendimento a catástrofes, receberam majoritariamente assistências voltadas ao desempenho de suas funções (Tabela 16).

É perceptível que a assistência visa o cumprimento das tarefas, por parte dos militares. De outro lado, serem assistidos e se sentirem assistidos, inclusive enquanto seres humanos, é importante para os profissionais empregados no atendimento a catástrofes, conforme dito por Soares et al. (2009), que defendem que avaliações durante o emprego podem elucidar implicações asseveradas nos profissionais, advindas do atendimento.

Tabela 16 - Quais assistências receberam durante o atendimento a catástrofes

Assistência recebida	Número	Percentual
Assistência operacional (para cumprir missões)	30	93,8%
Assistência logística (materiais a utilizar)	29	90,6%
Assistência tática (estabelecer objetivos)	18	56,3%
Assistência em saúde física	5	15,6%
Assistência psicológica	2	6,3%
Nenhuma	1	3,1%

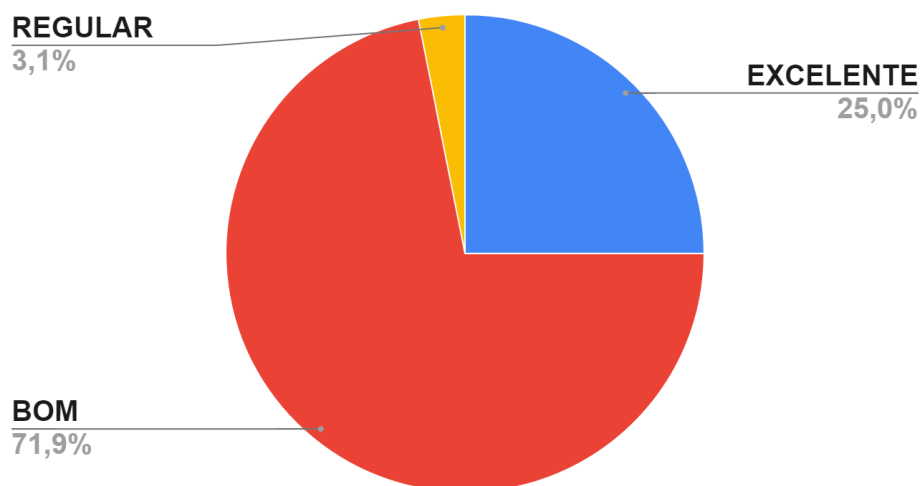
Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Perspectiva individual dos bombeiros que já atenderam a catástrofes

Tratando de sua preparação para que sejam empregados na resposta a catástrofes, os bombeiros que já atenderam a catástrofes foram perguntados sobre como avaliam as próprias preparações técnicas, mais de 96% deles se compreendem como devidamente

preparados, julgando-se tecnicamente excelentes ou boas as próprias condições (Gráfico 14).

Gráfico 14 - Como os bombeiros que já atenderam a desastres avaliam a própria preparação técnica para o atendimento a catástrofes.

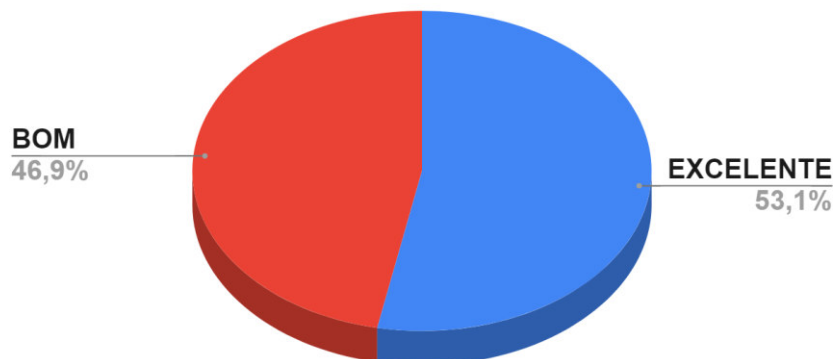


Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Embora precise ser considerado o afirmado por Gama et al. (2019), de que a formação e doutrina militares valorizam o risco à vida e ideais de sacrifício para a sustentação da pátria, itens que poderiam enviesar a avaliação do preparo individual e próprio para o enfrentamento de catástrofes, a leitura dos bombeiros de que se apresentam bem preparados para estes cenários suplanta marcos eminentemente teóricos, quando dados daqueles que foram efetivamente expostos à resposta a grandes desastres (Gráfico 14) corroboram a boa avaliação geral feita pela tropa a respeito da própria preparação (Gráfico 9).

Para além da técnica, quando perguntados sobre as preparações físicas, é possível notar uma melhor avaliação, dado que todos os que já foram empregados em atendimentos a catástrofes entendem-se em condições excelentes ou boas, conforme demonstra o Gráfico 15.

Gráfico 15 - Como os bombeiros que já atenderam a desastres avaliam a própria preparação física para o atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

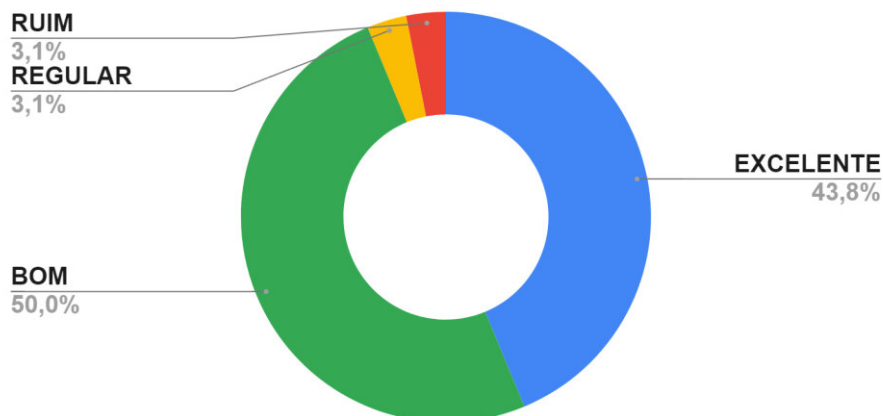
Lembrando que os impactos físicos são relacionados por Mendes (2019), entre os possíveis que precisam ser absorvidos por operadores de segurança pública que são chamados ao estresse de atendimentos extraordinários.

Ainda avaliando suas preparações próprias, quase 94% dos bombeiros que já atenderam a catástrofes se julgam bem ou excelentemente preparados emocionalmente para responder aos eventos (Gráfico 16).

Vindo de bombeiros que vivenciaram experiências de respostas a cenários catastróficos, essa resposta é reveladora de que o preparo fornecido atende a importantes expectativas da sociedade, tendo em vista o que disseram Baptista et al (2005), quando afirmam que é exigido dos bombeiros elevado grau de controle de suas respostas emocionais, para o desenvolvimento de suas atividades.

De toda forma, não se pode perder de vista a personificação do modelo do herói, inculcido nos profissionais ao longo de sua preparação prévia, conforme descreveu Cardoso (2004), de forma que possa afetar até a dificuldade de reconhecimento de necessidades próprias, em detrimento dos objetivos operacionais propostos para situações em que haja intenso sofrimento comunitário agregado.

Gráfico 16 - Como os bombeiros que já atenderam a desastres avaliam a própria preparação emocional para o atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Após as avaliações acerca deles mesmos, os militares foram perguntados sobre experiências objetivas durante o emprego nas operações de resposta a catástrofes, ao que menos da metade dos militares disseram que havia boas condições gerais de infraestrutura para quem trabalhava no local (Tabela 17).

Tabela 17 - Condições gerais de infraestrutura básica para aqueles que trabalhavam nas operações de resposta às catástrofes

Avaliação das condições	Número	Percentual
Boas	15	46,9%
Razoáveis	13	40,6%
Ruins	3	9,4%
Péssimas	1	3,1%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)



Mesmo com condições que se afastam das ideais, não se pode esquecer do argumento de Monteiro et al. (2007), que enaltece que as condições de trabalho não são exatamente avaliações prioritárias para aqueles que se sentem na obrigação de corresponder a ideais constantes de prontidão para o trabalho. Pelo contrário, a impressão de esforço e de superação de obstáculos pode satisfazer quem, por natureza, se sente valorizado pelo sacrifício demonstrado.

Corroborando essa predominância do raciocínio daqueles que se devotam à missão que abraçaram, embora declaradamente longe de condições ideais de trabalho, embora inseridos em cenários reconhecidamente fatigantes, quando perguntados sobre suas percepções acerca de auto-avaliações psicológicas, menos de 7% dos bombeiros que atenderam a desastres disseram que se sentiram mal, durante o atendimento à catástrofe, conforme Tabela 18.

Tabela 18 - Como os bombeiros se sentiram psicologicamente, durante as operações de resposta a catástrofes

Como se sentiram psicologicamente	Número	Percentual
Muito bem	2	6,3%
Bem	19	59,4%
Nem bem nem mal	9	28,1%
Mal	2	6,3%

Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

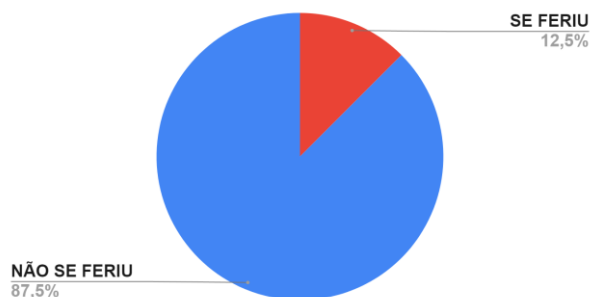
E, ainda, um oitavo dos militares declararam terem se ferido durante o atendimento a catástrofes (Gráfico 17). Em que pese seja a minoria dos respondedores que tenha se ferido, uma avaliação posterior e aprofundada precisa ser realizada, conforme defendido por Tak et al. (2007), já que, ainda em seu raciocínio, quando se realiza esta avaliação de bombeiros após o atendimento a desastres, pode-se ter acesso a queixas e diagnósticos, inclusive psiquiátricos.

Mas, para isso, os “ouvidos institucionais precisam permanecer abertos”, para que, mais do que uma máquina com defeitos, os bombeiros possam se perceber seres humanos com necessidades de atenção após o enfrentamento de cenários sinistrados.

Nessa linha, avaliando o que ocorreu após seu emprego nas operações de resposta a catástrofes, os bombeiros foram perguntados se, depois dos trabalhos, se sentiram assistidos ou acolhidos pela corporação, ao passo que a metade respondeu que teria se sentido acolhida, conforme ilustra o Gráfico 18.

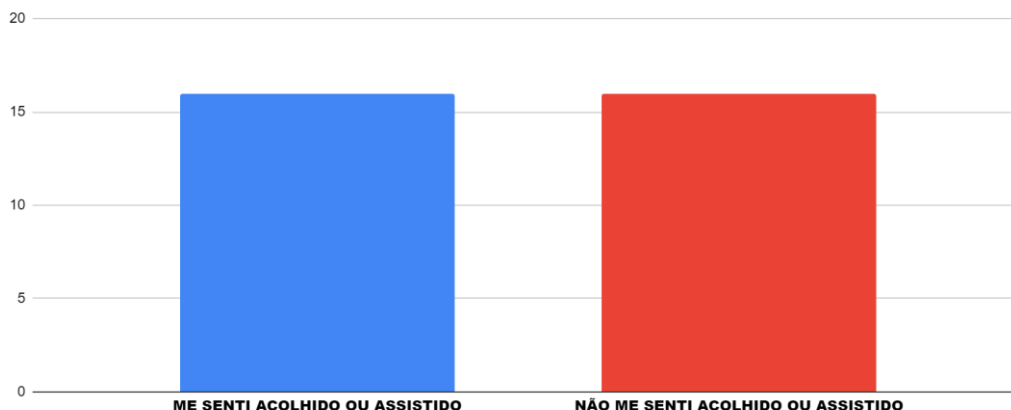
Os números superiores de preparação e de assistência durante os trabalhos começam a se reduzir quando se toca no assunto do olhar voltado aos respondedores após o atendimento a catástrofes. Corroborando com o raciocínio de Stanley et al. (2016), situações de intensa necessidade de resposta estatal a desastres de muito grande porte tendem a promover, por parte das instituições de resposta, um esquecimento de seus agentes que, frequentemente exigidos à exaustão, ainda se veem esquecidos, inclusive, por eles mesmos, em nome de um juramento que fizeram e das missões profissionais que abraçaram.

Gráfico 17 - Bombeiros que se feriram durante o atendimento a catástrofes.



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Gráfico 18 - Avaliação dos bombeiros sobre terem se sentido acolhidos ou assistidos pela corporação após seu emprego nas operações de resposta a catástrofes.



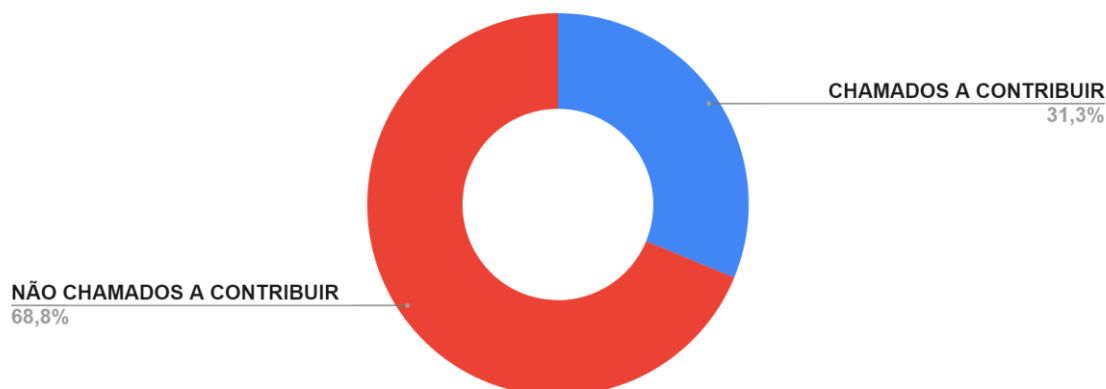
Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Após terem cumprido sua missão, fica cada vez mais evidente que, independentemente dos cenários que tenham sido encontrados, das mazelas com as quais tenham tido que lidar, do sofrimento público com que tenham tido de se confrontar, as atenções institucionais serão menores sobre os bombeiros empregados no atendimento a catástrofes, confirmando o dito por Soares et al. (2009), quando se referem ao esquecimento institucional, sentido pelos respondedores submetidos ao atendimento de grandes desastres, no Brasil.

Não bastasse essa desatenção com o indivíduo, o bombeiro, enquanto profissional, tende a ter sua experiência ignorada, uma vez que, no relato de quase 70% dos bombeiros, eles não foram chamados a contribuir com o aperfeiçoamento dos protocolos de atendimento a catástrofes, após sua experiência (Gráfico 19).

Em que pese o reconhecimento pela ampla maioria da preparação adequada para estes atendimentos, há que se valorizar a importância da ocorrência vivenciada, se não o aperfeiçoamento de protocolos, pelo menos, conforme o raciocínio de Afonso e Gomes (2009), na admissão de que as vivências do trabalho precisam ser objeto de escuta ativa, pois interferem na maneira com que os seres humanos por dentro da farda se relacionam consigo mesmos e com a sociedade.

Gráfico 19 - Bombeiros chamados a contribuir com aperfeiçoamento dos protocolos de atendimento a grandes catástrofes, após terem tido essa experiência



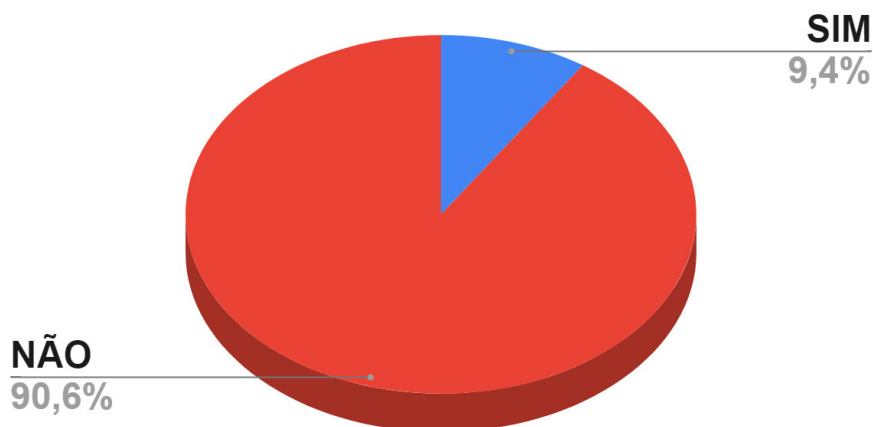
Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Finalizando, o Gráfico 20 ilustra que mais de 90% dos bombeiros que foram empregados nas operações de resposta a catástrofes declararam não terem passado por protocolos de acolhimento ou acompanhamento após voltarem desses atendimentos.

Os bombeiros, enquanto indivíduos, e não máquinas, embora se percebam pouco, possivelmente em razão de uma rígida capacitação, voltada ao juramento e à missão, admitem que não há preocupação institucionalizada com eles mesmos após a missão ser cumprida, na contramão do defendido por Prado (2011), quando afirma que a exposição a atendimentos de catástrofes precisa ser sucedida de estratégias que avaliem o estresse e a qualidade de vida dos profissionais.

Se, no caso dos bombeiros, não houver moléstia física a ser tratada para que voltem a “funcionar”, os resultados demonstram não haver a preocupação institucional de que haja um sistemático acompanhamento daqueles expostos a cenários e rotinas extraordinariamente bárbaros.

Gráfico 20 - Resposta dos bombeiros, quando perguntados se passaram por algum protocolo de acolhimento ou acompanhamento após terem sido empregados no atendimento a catástrofes



Fonte: Autor, com base na aplicação de questionário (2023)

Ainda olhando, derradeiramente, para o que disseram aqueles poucos que passaram por algum protocolo de acompanhamento após terem sido empregados no atendimento a grandes desastres, um terço disse que foi avaliada sua saúde física e emocional, um terço disse ter sido avaliada apenas sua saúde emocional e um terço informou que não envolvia este tipo de avaliação. Um terço avalia como bom tal protocolo e um terço avalia como ruim.

Não se pode esquecer do que foi dito por Tak et al. (2007), quando afirmam que, após o trabalho em grandes emergências, a falta de monitoramento ou acolhimento institucional é fator de risco para a apresentação de doenças nos profissionais. O quadro descrito pelos resultados colhidos aponta, pelo silêncio corporativo, para a possibilidade de que os bombeiros, heroicamente cumpridores de sua missão e doutrinariamente voltados ao sacrifício próprio em nome dela, enfrentem doenças e impactos individuais, na sua saúde e nas relações sociais.

4 CONCLUSÃO



A necessidade de aceitar a humanidade dos bombeiros, com suas garantias e limites, vai além de letras escritas em leis e decretos. Corporações fundadas no sentimento do dever tendem a colocá-lo como prioritário, inclusive acima das necessidades humanas dos humanos que tornam o dever possível de ser cumprido.

Por isso, é preciso que, no movimento de demonstração da necessidade de valorizar os operadores de segurança pública, seja feita, gradativamente, a exemplificação de sua importância para a consecução das missões institucionais. Dessa forma, quase que didaticamente, será possível aliar o óbvio ao cristalizado: o reconhecimento das necessidades humanas dos indivíduos que operam a segurança pública é mantenedor de seus serviços, uma vez que, devidamente assistidos, encontrarão, inclusive dentro de si, condições para atender melhor os destinatários de sua missão.

No caminho, diversas situações em que esses operadores de segurança pública são exigidos ao extremo, tendo de enfrentar cenários extraordinários, cujas operações que levam são, também, essenciais à humanidade daqueles que são afetados por tais episódios. Entre essas ocasiões encontram-se as catástrofes, desastres de muito grande porte, que são insuportáveis e insuperáveis pelas comunidades afetadas, a menos que haja intervenção externa, incluindo, aí, operações de resposta operadas pelos corpos de bombeiros. São eventos tão agudos e tão traumáticos que é obviamente difícil encontrar preocupação além da resposta institucional à comunidade afetada e do esforço para o restabelecimento da normalidade possível.

Este estudo existiu entremeio a estes pontos: (1) corporações devotadas a seu dever, com formação e doutrina fundadas sobre o sacrifício de seus membros, em nome da missão que abraçaram, inclusive, em juramentos solenes e supervalorizados por eles mesmos e por toda sociedade; (2) cenários de catástrofes que requerem o emprego de bombeiros para que seja possível levar esperança e momentos de paz a comunidades altamente impactadas; e (3) o desafio de enxergar, para além da doutrina incutida nos bombeiros e das necessidades de comunidades atingidas, a humanidade nos profissionais que operam o socorro emergencial a estas comunidades.

Estes pontos parecem, ao primeiro olhar, irreconciliáveis. Afinal de contas, quando o Estado é chamado em socorro a seres humanos em bárbara submissão a catástrofes, espera-se um empenho heroico de seus agentes, além, é óbvio, de resposta logística e operativa adequada. Se só se esperam doação, abnegação e eficiência de



bombeiros que atendem a catástrofes, como considerar que eles tenham as necessidades e limitações de seres humanos comuns? Como compreender institucionalmente que são igualmente humanos os respondedores às agruras humanas, dos piores momentos das vidas dos cidadãos afetados?

A compreensão reside no momento.

Há o momento de preparar bombeiros para que tenham estrutura técnica, física e emocional para enfrentar catástrofes. Há o momento em que são chamados ao dever e, aí, em meio ao caos e à barbárie, sua resposta deve ser focada e obstinada no cumprimento do dever. Mas, finalmente, há o momento de permitir a cada bombeiro, após toda essa exposição, que se compreenda enquanto ser humano, que olhe para si e para a vivência que teve, para que possa, no mínimo, avaliar, enquanto indivíduo, tudo aquilo pelo que passou, quais as lições pessoais e operativas traz consigo e como a experiência permanecerá nele e no mundo com o qual ele se relaciona.

Este panorama foi levantado na percepção dos bombeiros de Goiás, que foram entrevistados a respeito de seus perfis, aspectos profissionais e trabalho em desastres de muito grande porte. A ampla maioria se compreende bem preparada e conhecedora de técnicas e protocolos para enfrentar catástrofes e, dentre aqueles que já foram designados para missões como essas, a maior parte foi empregada nas ações humanitárias, de salvamento e de buscas, com protocolos operativos e linhas de comando bem definidos, além de contarem com boas condições gerais de infraestrutura para o trabalho. No entanto, a metade não se sentiu acolhida após o emprego nestes eventos e grande maioria sequer foi chamada a contribuir para reavaliar os protocolos aos quais foram submetidos. Mais de 90% dos bombeiros empregados no atendimento a catástrofes não passaram por protocolos de acolhimento ou acompanhamento após retornarem da missão.

Entre os militares goianos, há quase a totalidade de pessoas com formação superior, a ampla maioria casados, com dependentes e com boa saúde física e psíquica. Pessoas, portanto, capazes de se compreenderem enquanto cidadãos, mas que, em sua maioria, conforme os dados mostraram, nunca recorreram a órgãos internos relacionados à preocupação com o trabalhador, por exemplo.

Embora a literatura tenha demonstrado a importância da avaliação posterior ao emprego em catástrofes e embora os bombeiros de Goiás não contem com essas



avaliações, os militares permanecem satisfeitos com suas realidades profissionais. Trazendo a teoria do enaltecimento do sacrifício e do risco, impregnada em suas formações, é compreensível que estes militares não sintam falta de atenção posterior a seu emprego em catástrofes, especialmente porque é possível que sequer consigam relacionar quaisquer impactos que sofrem ao trabalho desenvolvido, a menos que se tratem de ferimentos ou moléstias contraídos diretamente na cena do desastre.

Fazer um ser humano acreditar que possui limitações superiores aos demais e prepará-lo para silenciar as próprias necessidades parece ser uma ferramenta formidável no sentido de produzir “heróis” automotivados, que só se confrontarão com cobranças sociais, psíquicas e físicas de anos de serviço sacrificante quando, com o perdão do infame trocadilho, já estiverem na reserva ou reformados e, portanto, sem o dever da atividade que lhes consumiu. Com corporações que, em sua maioria, nascem nos últimos 30 anos, ainda será necessário algum tempo para que se possa avaliar, entre aqueles que hoje são empregados sistematicamente no atendimento a catástrofes, os efeitos tardios deste emprego e da falta de acompanhamento especializado e posterior aos eventos.

De toda forma, se todo ser humano deve ser acolhido por políticas de direitos humanos, é hora de que aos “heróis” sejam disponibilizados, primeiro, instrução para o reconhecimento da humanidade de cada um deles, uma vez que, até para o bom exercício profissional, é necessário que se compreendam como seres humanos completos, que interagem com os ambientes aos quais são expostos e que não são imunes às interações com eles decorrentes; e, segundo, protocolo profissional, elaborado por equipe multidisciplinar que, no mínimo, seja capaz de avaliar e acompanhar sua saúde física e emocional, além da interferência da exposição a cenários extraordinários nas suas relações sociais.

Este estudo pôde verificar que há preocupação e percepção dos bombeiros goianos quanto à boa preparação que é realizada para que os militares sejam empregados em cenários extraordinariamente impactados pela ocorrência de catástrofes. Da mesma forma, no andamento das operações, são percebidos parâmetros bem definidos de emprego técnico e acompanhamento dos profissionais, no sentido de manter a missão sendo executada. Por outro lado, findado o atendimento, há importante percepção de falta de acompanhamento dos bombeiros empregados nas ações em desastres de muito grande



porte, como que se afirmasse a imunidade total destes trabalhadores ante ao cenário que enfrentaram.

Embora pareça claro que alguém submetido a todo impacto emocional, técnico e social de um cenário de desastre precise ser acompanhado e avaliado, inclusive após seu retorno à normalidade, resta, ao final deste estudo, a preocupação sobre o olhar que deve ser voltado aos bombeiros de Goiás no acompanhamento posterior de seus membros expostos à extraordinariedade do enfrentamento de catástrofes.

Os bombeiros são muito bem preparados para agir e agem muito bem. Mas a ação deve vir acompanhada de percepção, de si e do ambiente. Isso é humano e os bombeiros também são.

5 REFERÊNCIAS

AFONSO, Jorge M. P. & GOMES, A. R. Stress ocupacional em profissionais de segurança pública: um estudo com militares da Guarda Nacional Republicana. *Psicologia: Reflexão e crítica*, v.22, p 294-303, 2009.

ALMEIDA, Maiara Luvizon Biancon. Prevalência de estresse pós-traumático em equipes de resgate: uma revisão sistemática. *Psicologia, Saúde e Doenças*, v.13, n.2, p.220-237, 2012.

AMATO, Tatiana. Castro et al. Trabalho, gênero e saúde mental: uma pesquisa quantitativa e qualitativa entre bombeiros. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v.13, n.1, p.103- 118, 2010.

ARAGÃO, Ana Laura de Castro. A resposta da política de assistência social à tragédia de Brumadinho. 2019. 113p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Fundação João Pinheiro, Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho. Belo Horizonte, 2019.

BAPTISTA, Makilim Nunes et al. Avaliação de depressão, síndrome de burnout e qualidade de vida em bombeiros. *Psicologia Argumento*, v.23, n.42, p.47-54, 2005.



BRASIL. Lei nº13.675, de 11 de junho de 2018. Disciplina a organização e o funcionamento dos órgãos responsáveis pela segurança pública, nos termos do § 7º do art. 144 da Constituição Federal; cria a PNSPDS; institui o Susp; altera a Lei Complementar nº79, de 7 de janeiro de 1994, a Lei nº10.201, de 14 de fevereiro de 2001, e a Lei nº11.530, de 24 de outubro de 2007; e revoga dispositivos da Lei nº12.681, de 4 de julho de 2012. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 12 jun. 2018.

BREDA, K. T. O.; MORAES, T. D. A profissão de bombeiro militar: sofrimento e prazer, riscos e proteção. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v.10, n.1, p.34-46, 2020.

CAMPOS, Cristiane Coelho. O estresse profissional e suas implicações na qualidade de vida no trabalho dos bombeiros militares de Florianópolis. 1999. 116p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

CARDOSO, Luiz Antônio et al. Influências dos fatores organizacionais no estresse de profissionais bombeiros. 2004. 114p. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

CASTRO, Antônio Luiz Coimbra. Glossário de defesa civil, estudos de riscos e medicina de desastres. Ministério do Planejamento e Orçamento. Departamento de Defesa Civil. 2ªed., Revista e Ampliada, Brasília-DF, 1998.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION - CDCP. Health hazard evaluation of police officers and firefighters after Hurricane Katrina--New Orleans, Louisiana, October 17-28 and November 30-December 5, 2005. MMWR: Morbidity and mortality weekly report, v.55, n.16, p.456-458, 2006.

CREMASCO, L. et al. A farda que é um fardo: o estresse profissional na visão de militares do Corpo de Bombeiros. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 16, n.2. 2008.

FINTA, V.; RÁCZ, S. Occupational safety of firefighters in radiological emergencies - Issues in Hungary. RAD Conference Proceedings, vol. 2, pp. 75–79, 2017



FONTAINHA, Tharcisio Cotta et al. Modelo de referência de processos para resposta a desastres. XXXV Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2015.

FLORES, B.C.; MILAZZO, C.M.C. As competências institucionais dos órgãos estaduais da segurança pública de Goiás e sua propensão para o atendimento a catástrofes. *Lumen Et Virtus*, v. 15, n. 41, p. 6017-6029, 2024.

FLORES, B.C.; NAJBERG, E. O olhar dos corpos de bombeiros militares do Brasil para seus membros empregados no atendimento a catástrofes. *ARACÊ*, v. 7, n. 7, 2025.

FLORES, B.C.; NAJBERG, E. A necessidade de olhar para os profissionais de segurança que atendem a desastres. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 9, 2021.

FRANÇA, Fábio Gomes; DUARTE, Anderson. "Soldados não choram?": Reflexões sobre direitos humanos e vitimização policial militar. *Revista LEVS*, v.19, n.19, 2017.

FRANÇA, Fábio Gomes; GOMES, Janaína Letícia de Farias. " Se não aguentar, corra!": um estudo sobre a pedagogia do sofrimento em um curso policial militar. *Revista brasileira de segurança pública*, v.9, n.2, 2015.

GAMA, R. V. O.; FERREIRA, L. R.; COUTINHO, M. M.; MOREIRA, P. V. C.; Precarização do trabalho: análise sobre as condições laborais dos militares no âmbito estadual. *P2P e inovação*, v.6, n.1, p.206-227, 2019.

MATOS, Jamili Batista. Transtorno de estresse pós-traumático em bombeiros militares do Distrito Federal: uma análise da exposição a ocorrências traumáticas. 2020. 34p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Formação de Oficiais. Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. Brasília, 2020.

MENDES, P. H. A. Os heróis de Brumadinho: o suporte estatal aos bombeiros decorrentes do maior desastre humanitário de Minas Gerais. *Percurso – Anais do IV CONLUBRADEC*, v.4, n.31, p.218-221, 2019.

MIRANDA, A. P. M. Militarização e direitos humanos: gramáticas em disputa nas políticas de segurança. *Fórum Sociológico*, n.25, p.11-22, 2014.



MONTEIRO, Janine Kieling et al. Firefighters: Psychopathology and working conditions. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v.30, p.437-444, 2013.

MONTEIRO, J. K. et al. Bombeiros: um olhar sobre a qualidade de vida no trabalho. *Psicologia: ciência e profissão*, v.27, n.3, p.554-565, 2007.

NATIVIDADE, M. R. Vidas em risco: a identidade profissional dos bombeiros militares. *Psicologia & Sociedade*, v.21, n.3, p.411-420, 2009.

OLIVEIRA, M. F.; REZENDE, R. A. S. S.; BICALHO, P. P. G. Direitos humanos, segurança pública e a produção do medo na contemporaneidade. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, v. 10, n. 25, p. 118-140, 2018.

PRADO, Jakel Santana. Estresse e qualidade de vida de bombeiros militares. 2011. 80p. Dissertação (Mestrado). Programa de Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2011.

ROSSI, A. S. Direitos fundamentais e direitos humanos: o estreitamento das fronteiras conceituais e a necessidade de um diálogo entre a órbita jurídica interna e internacional. *Opinião Jurídica*, v.18, n.37, p.209–230, 2019.

SILVA, G. B. da; PAGLIARO, H.; ROSA, P. O. Os Profissionais de Segurança Pública como Sujeitos de Direitos-políticas públicas, qualidade de vida e democracia. *Revista Brasileira de Ciências Policiais*, v.13, n.7, p.13-26, 2022.

SILVA, Yone Caldas. O preparo para o trabalho de risco. *Psicologia: ciência e profissão*, v.20, p.2-15, 2000.

SOARES, Luiz Eduardo; ROLIM, Marcos; RAMOS, Silvia. O que pensam os profissionais da segurança pública no Brasil. 2009. 141p. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Brasília, 2009.

STANLEY, Ian H.; HOM, Melanie A.; JOINER, Thomas E. A systematic review of suicidal thoughts and behaviors among police officers, firefighters, EMTs, and paramedics. *Clinical psychology review*, v.44, p.25-44, 2016.



**RESPOSTA A CATÁSTROFES: A PERCEPÇÃO DOS BOMBEIROS DE GOIÁS SOBRE A
ATUAÇÃO NAS OPERAÇÕES**

Flores, B.C; Najberg, E., 2026.

TAK, SangWoo et al. Depressive symptoms among firefighters and related factors after the response to Hurricane Katrina. *Journal of Urban Health*, v.84, n.2, p.153-161, 2007.